

“HOW FAR IS
IT NOW?”
DA SUPERAÇÃO
DA CRISE

PETER TRAWNY

[Professor de filosofia da Universidade
de Wuppertal, Alemanha]

1. A crise antes da poesia

Estamos expostos ao termo “crise”, primeiro à palavra – ou à voz, à voz da crise. Trata-se de entender o que significa tal exposição – e talvez, ainda, de superá-la.

Estar exposto à palavra, exposto à voz – isto não quer dizer que não exista a “coisa”, a “realidade” da crise. Não vamos separar a palavra da coisa, o que, aliás, não creio que seria tão simples. Trata-se apenas de ver que a crise exige uma linguagem, que pareça poesia. A linguagem da poesia talvez não seja a única com inclinações à verdade, mas é a única linguagem testemunhal.

A voz da crise aqui, e agora, é a da poeta Sylvia Plath, sua *Ariel voice*,¹ conforme sua filha Frieda denominava a voz tardia da mãe. A voz da crise ressoa nos poemas que Plath chamava de *Ariel*, e dentre eles, para agora, aqui, o poema “Getting there”.

Existem muitas crises, naturalmente. Mas não importa quais sejam, a primeira coisa que temos a dizer sobre a crise, é que ela *se manifesta*, que ela *acontece*. A crise precisa acontecer.

A crise é, portanto, um acontecimento. É bem provável que o acontecimento seja sempre mais do que eu seja capaz de relatar a respeito. (Acontecimento – excesso, excedente de sentido). Entretanto, o que eu posso afirmar é que a crise tem um lugar e um tempo. E se

1. Sylvia Plath. *Ariel*. The restored edition. New York: Harper Collins Publishers, 2004, p. XII.

ela tem lugar e tempo, talvez tenha até mesmo uma data, se for uma data, também tem um corpo.

A crise é uma data porque tem um lugar. Estar no lugar significa ter um corpo, ser um corpo. Tudo o que recebemos, recebemos com um corpo. E se a crise fosse o próprio corpo? Foi o que pensou Platão quando, no “Fédon”, definiu a filosofia como um ensaio da morte. E podemos nos conformar com isso? Por enquanto basta reconhecer que o corpo recebe a crise.

A manifestação da crise é diferente da manifestação do sangue ou do trovão. As manifestações do sangue e do trovão são vistas ou ouvidas, são percebidas. A crise não é ouvida nem vista. Ainda assim se manifesta.

Há uma “terminologia” da crise que anestesia a voz da crise. Para superar a crise, também essa “terminologia” precisa ser superada – desde que a crise possa ser superada. Mas no início usamos essa “terminologia”. Ela nos ajuda a ouvir a voz da crise. Na crise começamos com a crise. Não pode haver nenhum outro começo.

Essa “terminologia” é a da medicina, segundo a qual, a crise é o estado que precede o final de uma doença, portanto é o fim da doença. É durante a crise que se decide se haverá o restabelecimento ou não. Esse acontecimento se manifesta em “sintomas”. Originalmente, “Sin-toma” significa acaso ou acidente, é um caso que ocorre de forma coincidente com outro, junto com ele.

Crise e “sintoma” – nesse acontecimento coincidente dois aspectos são elementares. A crise não é a doença, mas uma de suas fases. Além disso, a crise se mostra em “sintomas”, o que significa que ela propriamente não se mostra. O que aparece são sinais, indicações. A febre é o que aparece, mas não a crise.

A manifestação da crise se diferencia da manifestação do sangue e do trovão por *não* aparecer. Esse fato, de que ela não se manifesta, indica uma diferença. Possivelmente essa diferença não é única,

mas múltipla. De qualquer maneira parece haver muitas diferenças em uma crise ou mesmo apenas uma que, entretanto, se desdobra em três, pelo menos. Assim, existe uma diferença entre a crise e seus sinais; uma outra, entre a crise e a doença e mais uma, entre crise e saúde. Esta tríplice fissura se desdobra de forma sincrônica e diacrônica. A sincronia e a diacronia são partes da crise com fissuras internas.

Pois a crise acontece como uma divisão; uma divisão primordial entre presenças e ausências. Ela acontece como o irromper das diferenças, como implosão sincrônica e diacrônica. Assim existe uma origem ausente, da qual irrompe algo presente. A origem da crise se situa num passado distante. Está tão ausente que mal podemos dizer o que seja de fato. A saúde é a origem da doença? De qualquer forma, a origem do doente “situa-se na” saúde, isto é, em algo fora, uma exterioridade que se nos escapa cada vez mais. Mas, sendo a crise uma fase da doença, ela se situa bastante além da origem. Quando teve início? Quando é que nos encontrávamos fora da crise, sim, fora da doença?

Aliás, o fora da crise, o antes e o depois da crise – somente a partir dali será possível entender o que acontece *dentro* da crise. A ausência dessa exterioridade, a ausência daquilo que acontece nessa exterioridade é uma chave para o que acontece durante a crise. Mas não há sinais dessa ausência. Os sinais que existem remetem para a crise em si. Entretanto, há uma relação com a origem quase esquecida. Não pode haver crise sem a lembrança dessa origem. Essa lembrança é quase uma condição para a possibilidade de crise. Dentro da crise – em sua superação – trata-se, portanto de aproximar-se da origem.

Do ponto de vista poético, a crise provavelmente pode ser entendida como elemento da tragédia, muito embora a palavra não apareça a seu redor. Mas a crise então seria um modo de peripécia, uma virada da sorte para o infortúnio e, por outro lado, partindo de

um local situado entre sorte e infortúnio. A crise é um estado entre sorte e infortúnio, e sua superação, em direção à origem, seria sorte.

Portanto é muito importante interpretar bem os sinais. Eles são o que nos remete à crise, mas é importante não confundi-los com a crise. Este, sem dúvida, é o engano mais comum que cometemos e que nos impede de ouvir a voz da crise. Por exemplo, quem acreditaria que a chamada “crise financeira” fosse a crise? O melhor que podemos dizer é que seja um sinal.

E mesmo assim – se quisermos entender a crise, não basta interpretarmos seus sinais. Principalmente se queremos partir do princípio de que somos capazes de superá-la. A interpretação dos sinais continua abstrata, se não for sustentada por outro elemento da crise. A própria interpretação dos sinais precisa ser deflagrada pela ocorrência da própria crise. Mas a ocorrência da crise precisa ser *experimentada*. Sem esta experiência / percepção não existe superação e nem a própria crise.

2. A crise depois da poesia

“How far is it? How far is it now?” A poesia de Sylvia Plath “Getting there” começa com essa pergunta, logo repetida. Já provém de uma experiência. A poeta – no caso de Sylvia Plath é permitido, até necessário, identificar o eu da poesia com a poeta – está a caminho, seu destino ainda não está ao alcance dos olhos, tampouco pode ser visto “agora”. A pergunta é repetida mais duas vezes. A repetição é uma expressão da dificuldade, de uma necessidade. Ainda que a crise propriamente não apareça, ela é percebida como necessidade. Como isso é possível?

É possível porque no presente a ausência do que falta é tão forte, que chega a um excesso de ausência naquilo que experimentamos aqui e agora: “Punching out absence! Like cannon.” Não é à toa que “Absence” seja a única palavra, salvo alguns nomes próprios e

uma outra palavra, que Plath escreve com letra maiúscula. (A ausência como tal está fora da experiência. Apenas experimentamos a ausência quando ela irrompe no que é presente.) A ausência é “extraída” como um canhão. Aliás, a guerra. Trata-se de uma ou outra guerra que precisa ser atravessada. Em tal tempo e lugar forma-se uma esfera específica da crise, um interior: “The gigantic gorilla interior”. Ingeborg Bachmann, poeta austríaca que também experimentou a crise, fala que Sylvia Plath está entre os poetas “que estiveram no inferno”.

Consequentemente, a crise tem um corpo. Não há experiência da crise sem o corpo. Provavelmente a crise é acima de tudo o corpo. Cada pavor, cada temor, também cada apatia da crise é recebida pelo corpo. O corpo parece ser “todo feito” para isso. É o espaço de ressonância da crise, da voz da crise. Então, não é apenas o corpo faminto e sedento, mas, ousa afirmar, além disso, é o corpo que estremece no *páthos*, o corpo-pavor, o corpo-medo – também aquele corpo que cada vez mais se paralisa, se fecha em si, apático e não raro pornográfico. Ele responde à crise, àquela ausência no interior da guerra. De qualquer forma, Plath escreve: “I am dragging my body” e “the train is dragging itself, it is screaming / An animal”. A resposta à crise é uma transformação. O corpo se transforma. A experiência da crise, do corpo-pavor-e-medo, inicialmente ainda conhece a presença de um “eu”. Mas acaba se transformando no simples movimento de animal, um “gigantesco” animal berrando.

Há pouco eu afirmava tratar-se da interpretação correta dos sinais, da compreensão da fissura sincrônica e diacrônica da crise. Agora parece que a crise se transforma em uma reação imediata do corpo, em puro eco do sofrimento. Parece que a experiência da crise evita qualquer interpretação dos sinais. Mas esta é uma impressão enganosa. Não existe antagonismo entre a interpretação dos sinais e a ressonância do corpo. A interpretação dos sinais é uma interpretação do corpo. Provavelmente a separação entre corpo e

sinais, ou seja, pensamento, é um sinal da própria crise. Entretanto, se houvesse vida na crise, sua superação seria impossível, se apenas houvesse o “gigantic gorilla interior”, então a separação de corpo e pensamento representaria uma tal vida – europeia. Mas eu mantenho a opinião, dizendo que a crise leva à separação entre o corpo e a interpretação dos sinais.

“How far is it? / How far is it now?” A crise é precisamente o “gigantic gorilla interior / Of the wheels” – a crise é um movimento, um acontecimento, de qualquer maneira é uma transformação. Essa transformação passa a ser experiência. Em Plath, essa experiência passa a ser poesia. A poesia então é a voz de uma experiência corpórea em um “gorilla interior” errante. A poesia é essa experiência, esse caminho em direção a algo, em direção a um “there”. É um caminho do pavor e do medo, uma viagem pela guerra. Surgem homens e mulheres, envolvidos em ações bélicas, são feridos.

Acrescente-se certo ritmo de crise. Talvez isso também faça parte dela e de sua superação – caso possa haver. “It is a trainstop”, escreve Plath. E repete: “The train is dragging itself”. Assim como o corpo. Ou aqui não existe “como”? O trem é o corpo, detido em seu medo, em sua transformação? O corpo que se esgota e descansa, para depois retomar? Então essas interrupções fazem parte dos sinais da crise. Possivelmente são os piores sinais, sedutores em sua tranquilidade, distrações, dispersões.

E no ritmo da crise a pergunta recorrente: “How far is it?” De que distância está se falando? O que quer dizer aqui o “it”? Para onde estamos indo com os movimentos da crise? Em direção à superação? A algo exterior, *ao* externo? E de repente a indicação: “It is so small / The place I am getting to, why are these obstacles”. E, novamente, sobre o lugar, uma pergunta sem interrogação, como antes: “Is there no still place / Turning and turning in the middle air. / Untouched and untouchable.” O ar é este lugar? O ar é o intocável?

Isto é um respirar mais puro? A poeta está indo nessa direção? E podemos considerar isso um movimento da crise?

Estamos inevitavelmente nos aproximando *da* pergunta. Como se a própria crise nos impelisse nessa direção, nos puxasse para dentro dela, como se nos deixássemos ser puxados para dentro dela, enredar-se por ela: a pergunta pela superação. É uma pergunta difícil, uma carga pesada. Pois onde devemos começar se quisermos falar sobre a “superação”? Na experiência? E se começarmos ali, deveríamos perguntar se alguém já “experimentou” uma “superação” da crise.

A superação alcança o exterior à crise, o exterior ao “gigantic gorilla interior”. Plath escreveu na poesia. O final do poema “Getting there” é como segue:

The carriages rock, they are cradles.
An I, stepping from this skin
Of old bondages, boredoms, old faces

Step to you from the black car of Lethe,
Pure as a baby.

A transformação se refere ao corpo. Seu movimento adquire um novo sentido. Do balanço do corpo que se impulsiona para frente surge o movimento do ninar. O corpo perde suas camadas de dor, suas últimas salvagens, seu tédio e os rostos falsos, descartados. A superação da crise é como um caminhar, deixando para trás seu antigo corpo.

Além disto, esse caminhar alcança um “você”. E a superação da crise precisa de um “você”? Como poderia ser diferente? Se não quisermos escapar às chamas e cair nas brasas, vemos que o “você” é o exterior à crise, nada mais que a superação em si.

A superação da crise anseia pelo “você”, a voz da crise fala ao “você”, dirige-se ao você.

A superação precisa de um “você”. Mas é inquestionável, esse “você” não mais é um você-guerra. É um “você” de concepção, de acolhimento, também de reconhecimento. Seria um “você” de carícia, um você de paz.

Então acontece que esse “você” nos parece diferente do que antes. Abandonamos o “black car of Lethe”. “Lethe” é a segunda palavra que Plath escreve com letra maiúscula, além de “Absence”. De fato, é (também) um nome; o nome de um rio, que oferece o esquecimento, portanto, um rio da morte. Por conseguinte, há uma relação entre “Lethe” e “Absence”. No esquecimento, a ausência se esvai em si mesma, arrastando consigo o esquecimento. A superação é a rejeição da ausência, o seu esquecimento, e o esquecer desse esquecimento. A superação é *nascimento*.

O nascimento é o passo para a saída da ausência, do esquecimento, em direção a você. É o início de uma pureza, um início puro. Seria o deixar o corpo-pavor, o corpo-medo, em direção a outra existência, aquele ar, seu sopro.

Nós o experimentamos totalmente – à medida que ele, o nascimento, a experiência do próprio, se recolhe no esquecimento, na ausência. Essa experiência não é característica de um sujeito soberano. O nascimento é a antítese de toda soberania. A ele estamos expostos como estamos expostos à crise. Superação então seria nascimento, superação.

A superação da crise então não seria ação, tampouco revolução. No entanto, não quero afirmar, absolutamente, que exista uma “atitude” mística que nos conduza para fora da crise, se é que isso seja possível. Seria mais o caso de pensar em um esgotamento ainda impensado, muito profundo, talvez uma tarefa, a confissão de que as ações contra a crise só levaram cada vez mais para o seu

fundo. Tal como aqueles eletrochoques com que se pretendia tratar Plath, após sua primeira tentativa de suicídio (1953).

A crise, portanto, não parece superada, não parece ser possível de ser superada. Resguardemo-nos de nos fazer de bobos. Plath mesmo chama a atenção sobre isso: “It is Adam’s side, / This earth I rise from, and I in agony”. A crise – na verdade não é uma agonia? Mas a morte tem muitos significados. Pois – como fica a morte em relação à superação da crise? Sócrates não havia entendido a morte como um verdadeiro nascimento? Por que a morte nos parece aquilo que vai ainda mais além do pavor da crise? Na morte não estaria superada aquela ausência? (A morte, mesmo tendo diversos significados, continuará sendo a mesma, mas nossa voz mudará, quando a morte nela estiver).

A crise, entretanto, tem sua própria estabilidade. Ela nos nega a superação ao nos prender a ela. Há uma atração na crise, um erotismo da crise, que de sua parte nos faz esquecer que já houve um exterior da crise. Essa crise se alastra em ininterrupta presença, nega aquela diferença sincrônica e diacrônica e transforma o tempo em esponja. Ela nega que exista uma coisa faltante, uma ausência sofrida. Questiono-me se essa negação não seria antes um costume europeu. A crise também nos deixa esquecer que possa haver um respirar mais livre. Talvez seja isso que no primeiro verso do colossal poema “Ariel”, de Plath, é chamado de “Stasis in darkness” (Plath e o grego; também a crise é grega – o que isso tem a dizer?).

E ainda assim não podemos ignorar que a superação é o cerne da crise. Abandonar a superação, desistir, não poderia, em absoluto, levar à desistência da crise. Enquanto houver crise, sua superação será problemática. Então precisamos reconhecer que não há mais salvação. Filosofia, religião, arte – tudo são promessas que não podem ser cumpridas, perspectivas livres, mas não salvação. Temos de estar preparados para esse período solitário dentro da

crise. Eventualmente o outro poderá se tornar um amigo? Mas o que ele poderia fazer além daquilo que fez Kriton ao final do “Fédon”, cerrando os olhos e a boca de Sócrates morto?

“Respirar, tu poesia invisível!”² É essa a superação mais simples? Menciono-a por último.

A crise não pode evitar que ouçamos a voz do poeta e a voz da cantora que partiu tão inexplicavelmente cedo, cujo nome consta no início de minhas explanações e cujo canto as torna supérfluas. Essas vozes cantam a crise ou devo dizer: cantam a superação? A voz do poeta, do canto, o respirar nato, testemunhos de que existe uma crise e que sua superação segue sendo um estranho anseio, um desconhecido e selvagem anseio, que detona fissuras na arquitetura, através das quais enxergamos o que ainda nos é recusado: “How far is it? How far is it now?”

2. Rainer Maria Rilke. *Die Sonette an Orpheus*. Insel-Verlag: Leipzig 1923, p. 35.